



A EXPERIÊNCIA DA DOR SEGUNDO BYUNG-CHUL HAN EM DIÁLOGO COM PAPA FRANCISCO

Doi: 10.62506/phs.v5i2.212

The experience of pain according to Byung-Chul Han in dialogue with the Catholic Church

RENATO KIRCHNER*
ARLINDO JOSÉ VICENTE JUNIOR **

La experiencia del dolor según Byung-Chul han en diálogo con la Iglesia Católica

Resumo: Objetiva-se com este artigo apresentar o pensamento do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, na obra Sociedade paliativa: a dor hoje e propor um diálogo com a narrativa da Igreja Católica feita durante a pandemia da Covid-19, mais especificamente, a imagem marcante do Papa Francisco solitário na Praça de São Pedro completamente vazia, por conta do distanciamento social e apresentar o seu discurso realizado na oração extraordinária pelo fim da pandemia, no dia 27 de março de 2020, quando o mundo era assolado pelo flagelo da pandemia e do isolamento social. A proposta deste artigo é oferecer um entrecruzamento destes dois textos: o livro de Byung-Chul Han em que destaca que o distanciamento social, explorado durante a Pandemia e se mostrou como forma de não contaminação com o vírus mortal, mas que ao mesmo tempo forçou-nos a ficar longe da dor do outro; e a proposta do Papa Francisco, que vivenciando o distanciamento social, criou um ambiente de solidão com Deus em uma Praça de São Pedro completamente vazia, numa oportunidade para mostrar resiliência diante dos desafios da Pandemia.

Palavras-chave: Sofrimento; Pandemia; Han; Francisco; Solidão.

Abstract: The objective of this article is to present the thoughts of the South Korean philosopher Byung-Chul Han, in the work Palliative Society: pain today and to propose a dialogue with the narrative of the Catholic Church made during the Covid-19 pandemic, more specifically, the striking image of Pope Francis alone in a completely empty St. Peter's Square, due to social distancing, and presenting his speech given in the extraordinary prayer for the end of the pandemic, on March 27, 2020, when the world was ravaged by the scourge of the pandemic and social isolation. The purpose of this article is to offer an intersection of these two texts: the book by Byung-Chul Han in which he highlights that social distancing, explored during the Pandemic and proved to be a way of avoiding contamination with the deadly virus, but which at the same time forced us to stay away from the pain of others; and the proposal of Pope Francis, who while experiencing social distancing, created an environment of solitude with God in a completely empty St. Peter's Square, an opportunity to show resilience in the face of the challenges of the Pandemic.

Keywords: Suffering; Pandemic; Han; Pope Francis; Loneliness.

Resumen: El objetivo de este artículo es presentar el pensamiento del filósofo surcoreano Byung-Chul Han, en la obra Sociedad Paliativa: el dolor hoy y proponer un diálogo con la narrativa de la Iglesia Católica realizada durante la pandemia de Covid-19, más específicamente, la impactante imagen del Papa Francisco solo en una Plaza de San Pedro completamente vacía, debido al distanciamiento social, y presentando su discurso pronunciado en la oración extraordinaria por el fin de la pandemia, el 27 de marzo de 2020, cuando el mundo era asolado por el flagelo de la pandemia y el aislamiento social. El propósito de este artículo es ofrecer una intersección de estos dos textos: el libro de Byung-Chul Han en el que destaca que el distanciamiento social, explorado durante la pandemia y demostró ser una forma de evitar la contaminación con el virus mortal, pero que al mismo tiempo nos obligó a alejarnos del dolor ajeno; y la propuesta del Papa Francisco, quien viviendo el distanciamiento social, creó un ambiente de soledad con Dios en una Plaza de San Pedro completamente vacía, una oportunidad para mostrar resiliencia ante los desafíos de la Pandemia.

Palabras-clave: Sufrimiento; Pandemia; Han; Papa Francisco; Soledad.

* Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Email: renatokirchner00@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3105-1401>

** Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). E-mail: arlindovicentejr@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-2598-7003>.



Introdução

Não há dúvidas de que a pandemia de Covid-19 colocou uma lente de aumento em todas as situações experimentadas pela nossa sociedade. Principalmente, quando falamos da experiência da dor e do sofrimento humano. A pestilência obrigou-nos a praticarmos, forçadamente na maioria dos casos, o distanciamento social como uma das formas de prevenção para não sermos assolados pelo mal da Covid-19 ou, pelo menos, como tentativa para sofrermos menos os efeitos devastadores deste vírus até então desconhecido pela humanidade.

Assim aconteceu com a dor e com o sofrimento humano causados por todas as situações de horror que pudemos experimentar. Diante da pandemia do coronavírus, surgiram várias narrativas sobre como vivenciamos a dor. Nesta esteira de narrativas de vivências sobre a dor que a pandemia nos causou, é que surgiu o opúsculo *Sociedade paliativa: a dor hoje*, do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, que foi apresentada aos leitores em 2021, publicado pela Editora Vozes, em tradução feita a partir do original em alemão intitulado *Palliativgesellschaft – Schmerz heute*.

Byung-Chul Han, filósofo nascido na Coreia do Sul, obteve seu doutorado em Filosofia pela Universidade de Freiburg em 1994, desenvolvendo a tese sobre Martin Heidegger. Han é um filósofo contemporâneo que expõe as estruturas da sociedade hodierna, partindo da psicanálise, da filosofia existencialista e da análise sociológica. Portanto, é um ensaísta de nosso mundo atual. Seus estudos nos ajudam a entender a fenomenologia e o existencialismo para compreender a relação do ser humano com o mundo. A sociedade descrita pelo autor posto em evidência, é a sociedade paliativa do curtir, ou seja, o *like* torna-se o analgésico do presente – é uma das suas teorias explicitadas em inúmeras das suas obras¹.

Apresentado o pensamento de Byung-Chul Han, colocaremos em destaque a narrativa da Igreja Católica feita durante a pandemia. Mais especificamente, a narrativa (que entendemos ser discurso e a descrição das imagens que foram transmitidas pelos meios de comunicação) do Papa Francisco durante uma Oração extraordinária pelo fim da pandemia, realizada no dia 27 de março de 2020, quando o mundo experimentava o flagelo da pandemia e do isolamento social. Papa Francisco, líder da Igreja Católica dirá em seu discurso:

No meio deste isolamento que nos faz padecer a limitação de afetos e encontros e experimentar a falta de tantas coisas, ouçamos mais uma vez o anúncio que nos salva: Ele ressuscitou e vive ao nosso lado. Da sua cruz, o Senhor desafia-nos a encontrar a vida que nos espera, a olhar para aqueles que nos reclamam, a reforçar, reconhecer e incentivar a graça que mora em nós. Não apaguemos a mecha que ainda fumeja (cf. Is 42,3), que nunca adoce, e deixemos que reacenda a esperança (Francisco, 2021, p. 47).

Essa oração ficou marcada para a história do Cristianismo, pois o líder máximo da Igreja Católica subiu sozinho e cambaleante as escadarias da Praça de São Pedro, no Vaticano, que normalmente era acompanhado por muitos fiéis, e que, por conta da pandemia e do isolamento social, estava sozinho naquela ocasião.

Assim, neste ponto é que se entrecruzam os dois textos: Han destaca que o *social distancing*² explorado durante a pandemia, ao mesmo tempo em que era a única forma de nos mantermos longe desta terrível pestilência, nos manteve também longe da dor do outro. Neste mesmo contexto, o Papa Francisco, líder da Igreja Católica, utilizando-se do distanciamento social, fez da solidão perante seus fiéis e a solidão diante de Deus para rezar numa Praça de São Pedro completamente vazia, na intenção de levar uma mensagem de encorajamento às pessoas. Isso se transformou em narrativa da Igreja Católica durante a pandemia da Covid-19, uma fenomenologia diante da dor.

Assim, procuraremos responder alguns questionamentos apresentados neste texto, por exemplo, até que ponto o distanciamento social difundido durante a pandemia da Covid-19, nos tornou insensíveis diante da dor do outro. As mortes que foram acontecendo neste período, foram transformadas em números. “De toda forma, até junho de 2021, cerca de meio milhão de pessoas já tinham sido vítimas fatais da COVID-19 no Brasil (Garrido, 2022, p. 175). Assim, apresentamos os resultados de uma pesquisa qualitativa, que foram encontrados nas leituras bibliográficas, dentre as quais se destacam a obra de Han, *A sociedade paliativa: a dor hoje*, e a narrativa, o discurso proferido e os gestos do Papa Francisco durante a pandemia da Covid-19, especialmente na oração extraordinária do dia 27 de março de 2020. Sendo assim, nosso texto divide-se em dois tópicos: primeiramente, apresentaremos o pensamento de Byung-Chul Han, e, em seguida, iremos debater-nos sobre a narrativa criada pela Igreja Católica neste período de pandemia causado pelo coronavírus.

¹ Entre várias obras já publicadas no Brasil, destacamos uma das primeiras publicadas por aqui: Byung-Chul Han, *Sociedade do cansaço*, Petrópolis, Vozes, 2017. Nesta obra, o autor destaca a enfermidade que a nossa sociedade se encontra pelo esgotamento do excesso de atividades: o cansaço é a resposta do corpo para o excesso de positividade e de cobrança que a sociedade impõe.

² Preferimos manter aqui o termo em inglês, destacado em itálico, para sermos fiéis ao texto de Han. Em vários momentos da obra nosso autor (e o seu tradutor), mantiveram o termo em inglês.



“Sociedade paliativa: a dor hoje”

Em *Sociedade paliativa: a dor hoje*, livro contendo onze capítulos, Byung-Chul Han evidencia a discussão relativa a diversas questões intrínsecas à sociedade contemporânea e que acabaram sendo escancaradas com a pandemia causada pelo vírus da Covid-19.

No início da obra, somos introduzidos ao conceito de algofobia: o filósofo discorre sobre a definição deste conceito que significa uma angústia generalizada diante da dor, partindo de uma citação de um ditado de Ernst Jünger (1895-1998): “Dize tua relação com a dor, e te direi quem és!” (Han, 2021, p. 9). Medo da sensação da dor, afirmando que a relação que tivermos diante da dor evidencia a sociedade em que vivemos.

Hoje, impera por todo lugar uma algofobia, uma angústia generalizada diante da dor. Também a tolerância à dor diminui rapidamente. A algofobia tem por consequência uma anestesia permanente. Toda condição dolorosa é evitada. Tornam-se suspeitas, entretantes, também as dores do amor. A algofobia se prolonga no social. Conflitos e controvérsias que poderiam levar a confrontações dolorosas têm cada vez menos espaço (Han, 2021, p. 9).

Somos constantemente impelidos a uma anestesia permanente, onde toda condição dolorosa é evitada. A algofobia também pode ser estendida para a política, pois, evitando-se o debate e o enfrentamento de ideias, aumenta aquilo que o autor chama de política paliativa, ou seja, que não é capaz de fomentar visões ou reformas profundas. Numa sociedade marcada pela positividade, não há lugar para a dor, que é negatividade: todo tipo de pensamento negativo, portanto, deve ser evitado.

Sobre a sociedade paliativa, Byung-Chu Han irá falar aquilo que dá título ao livro: nossos tempos são marcados essencialmente pelo *desempenho*. Dessa maneira, se a dor é vista como sinal de fraqueza, não é compatível com a realização das atividades. A dor é condenada a calar e a sociedade paliativa não permite verbalizar a dor numa paixão.

Sobre a dificuldade da nossa experiência com a dor, apresentamos também a contribuição do historiador Yuval Noah Harari, que corrobora a ideia de Han de que fugimos a qualquer custo da dor: “dispomos hoje de um arsenal de tranquilizantes e analgésicos, porém nossas expectativas de satisfação e prazer, assim como nossa intolerância aos inconvenientes e desconfortos, aumentaram de tal forma que é bem possível que sintamos mais dor que nossos antepassados” (Harari, 2020, p. 403).

Fazemos parte de uma sociedade do curtir – *o like é o signol* –, que é o analgésico do presente. Rapidamente esquece-se que a dor purifica, não se acredita na possibilidade da catarse (purificação) que a arte poderia conferir ao humano. Pois, na sociedade paliativa, também não há lugar para a arte: ela pode causar estranhamento, perturbar, transformar... e também doer.

Missa de Páscoa suprida por causa do *social distancing*

Desde dezembro de 2019, quando o mundo começou a ouvir os relatos sobre pacientes apresentando sintomas de uma síndrome respiratória aguda grave (SARS), difundiu-se que o modo eficaz de controle da Covid-19 são as medidas clássicas de saúde pública: aumento da higienização, principalmente das mãos, a restrição no contato entre as pessoas e o uso de equipamentos de proteção individual como as máscaras (Garido, 2022, p. 175).

Byung-Chul Han também discorre sobre a relação da Igreja nesse período de pandemia e oferece, a nosso ver, uma crítica à religião. Somos levados, cada vez mais, a prolongar a vida e a sociedade paliativa se mostra o local da sobrevivência: devemos lutar a qualquer custo para manter-nos vivos frente ao vírus que nos assola. Pela sobrevivência, sacrificamos tudo o que faz a vida ser digna de ser vivida: proíbe-se, inclusive, a missa de Páscoa, para que os sacerdotes promovam o *social distancing* e o terrível paradoxo, pois onde se prega o amor e a união, agora é necessário promover um distanciamento do outro que pode me causar mal-estar.

Em vista da pandemia, a sociedade da sobrevivência proíbe até mesmo a missa de Páscoa. Também sacerdotes praticam o *social distancing* e usam máscaras de proteção. Eles sacrificam a fé inteiramente à sobrevivência. De modo paradoxal, o amor ao próximo se expressa como o manter distância. O próximo é um portador do vírus em potencial. A virologia desapossa a teologia. A narrativa da ressurreição dá lugar inteiramente à ideologia da saúde e da sobrevivência (Han, 2021, p. 35).

Deixamos de ouvir os sacerdotes para ouvir os virologistas! A narrativa da ressurreição – de que o amor venceu a morte – é substituída pela ideologia da saúde e da sobrevivência. Paradoxalmente, o amor ao próximo se realiza mantendo distância. O outro contém um vírus mortal e, por isso, devo me afastar dele para garantir a nossa sobrevivência.

Vimos inúmeros relatos de fiéis serem enterrados sem sequer uma oração ou presença religiosa, corroborando essa crítica de Han: É necessário eliminar, o quanto antes, dessa sociedade paliativa, o corpo sem vida. Diante da morte e daquilo que pode nos causar dor (inclusive, o luto por perder alguém), arrancam-se todos os símbolos, narrativas ou rituais que fariam a vida ser mais do que uma sucessão de dias e uma questão de sobrevivência.



Com relação aos rituais funerários, em especial aos velórios, o Ministério da Saúde recomendou literalmente a suspensão dos velórios por tempo indeterminado, limitando a presença de familiares e amigos ao mínimo possível. Na tentativa de melhor adequar as práticas religiosas, como as exéquias, às limitações civis, as autoridades eclesiais também pulicaram normas (Garrido, 2022, p. 176).

Todos nos tornamos suspeitos diante do vírus, o que produz uma sociedade terminantemente marcada pela vigilância e, sem nos darmos conta e nem oferecer qualquer resistência, submetemo-nos às medidas sanitárias. Contudo, a ausência ou limitação de ritos funerários pode trazer graves prejuízos para a elaboração do luto pelas famílias e, em uma perspectiva religiosa, para os fiéis vivos e mortos. Nas celebrações das exéquias, para o católico, por exemplo, além da consolação e catequese para os que ficam, busca-se honrar o corpo do defunto, tendo por fim a última páscoa do cristão, que, pela morte, o faz entrar na vida do Reino (Garrido, 2022, p. 176). Assim como todas as instâncias da sociedade assolada pelo mal da Covid-19 que não sabiam como lidar com este problema, a Igreja Católica, por estar inserida nessa sociedade, também às apalpadelas, tentou agir da melhor forma possível.

Dessa forma, o que se tem preconizado como eficaz no controle e prevenção da COVID-19 são as medidas clássicas de saúde pública, como o aumento da higiene, a restrição do contato interpessoal e o uso de equipamentos de proteção individual, como máscaras. No entanto, ações que envolvem restrição de contato social geram vários outros efeitos adversos, especialmente na economia e, necessariamente, nas liberdades individuais (Garrido, 2022, p. 175).

E, de fato, até então, o *social distancing* era o melhor a fazer. Estar sozinho era o melhor para manter-se vivo. Embora diante da doença e da dor, o que mais as pessoas precisavam era da presença de alguém.

“Sinto dor, logo existo”

Byung-Chul Han apresenta também uma reflexão sobre a dor como verdade, na esteira do pensamento cartesiano: “Sinto dor, logo existo”. Aqui, em nossa opinião, a dor se apresenta como verdade e a sociedade paliativa é uma sociedade sem verdade. A dor é realidade, manifesta-se, está aí: será ela que irá diferenciar aquilo que é falso daquilo que é verdadeiro. Percebemos aqui um paradoxo que o autor apresenta: na sociedade paliativa que foge da dor, é justamente a dor que nos permite ter percepção da realidade.

A dor acentua a autopercepção. Ela delinea o si. Ela desenha seus contornos. O crescente comportamento autoagressivo pode ser compreendido como uma tentativa desesperada do eu narcísico e tornado depressivo de assegurar de si mesmo, de se perceber. Sinto dor, logo existo. Também devemos a sensação de existência à dor. Se ela desaparece inteiramente, buscam-se substitutos. Dores produzidas artificialmente fornecem um remédio para a ausência de dor (Han, 2021, p. 65).

O filósofo sul-coreano fala, então, da ética da dor, discorrendo sobre as mídias – que contêm técnicas modernas que tornam o ser humano insensível à dor pelo excesso de imagens às quais ele está incessantemente exposto, obrigando-o à passividade e à indiferença, como quem observa em silêncio.

De fato, hoje em dia, temos uma avalanche nas mais diversas redes sociais como o *Instagram*, o *TikTok*, dentre outros, que nos apresentam inúmeros vídeos curtos, com um excesso de imagens e sons. Basta acontecer uma tragédia, esperamos passar um tempo e teremos diversas imagens correndo o mundo mostrando o caos e as tragédias nos mais diversos ângulos. Será que somos expostos à dor do outro? Não seriam as mídias sociais uma forma de ser catártico da dor do outro ou seria apenas uma forma da minha indiferença de apenas “acompanhar”, de assistir passivamente a dor do outro?

Em tempos de pandemia, o sofrimento do outro fica mais distante. Ele se dissolve em “números de casos”. As pessoas que tinham a sua história, que tinham seus afazeres, seus sonhos, seus projetos desenvolvidos, viram “números de casos”. Quantas vezes acompanhamos pelos meios de comunicação, em gráficos perfeíssimos, o número de mortos “hoje”, pela pandemia da Covid-19.

O ser humano deixou de existir e passou a ser um número a ser exibido e contabilizado. Contudo, sem contar os seres humanos morrem solitários em estações intensivas, sem qualquer atenção humana. Com a pandemia, a proximidade significou infecção. De acordo com Han, o *social distancing* acentua a perda da empatia. O outro é, agora, um possível portador do vírus, de que se deve manter distância. O *social distancing* evoluiu em um ato de distinção social (Han, 2020, p. 100). A empatia tornou-se uma tensão entre o aproximar-se do outro ou não: nos tornamos insensíveis diante do sofrimento humano.

Essa agressividade social e antropológica promove indiferença em relação à pandemia tanto às causas quanto aos seus efeitos, propiciando difusão do vírus, alargamento das injustiças sociais e insensibilidade ao sofrimento humano. Verifica-se social e antropológicamente a experiência do medo da pandemia, a falta de perspectiva econômica, o desespero, a impossibilidade de enterrar os mortos com maior dignidade possível (Gonçalves, 2021, p. 105-106).

Então, mais uma vez, a pandemia é citada pelo filósofo germano-coreano como um bom exemplo, ao afirmar que a dor do outro fica mais distante, quando ela se dissolve no mero número de casos. Muitos morrem longe de familiares e amigos e, portanto, sem qualquer atenção humana. Sem a dor com o outro não teremos acesso à dor do outro.



A Narrativa da Igreja Católica diante do Sofrimento da Covid-19: *Statio Orbis* pelo fim da pandemia

A solidão, a imagem e o discurso do Papa Francisco durante a pandemia se transformaram em narrativa da linguagem religiosa frente ao desafio de sustentar a fé dos cristãos católicos diante do problema do padecimento que a pandemia causou e nos leva a refletir sobre o papel da Teologia e das Ciências da Religião.

Paolo Ruffini, prefeito para o Dicastério da Comunicação, descreve o momento da *Statio Orbis*³ pelo fim da pandemia:

A direção televisiva foi sóbria, essencial. Seis câmeras para contar o vazio da praça e a oração do Papa. Sua chegada. Sua caminhada na chuva. O crucifixo que parece chorar. As nuvens no céu. O Papa rezando. O som das sirenes quebrando o silêncio. O mundo inteiro observando. Os operadores de câmera, e os fotógrafos invisíveis. Porque o Papa fez tudo a pé; a relação entre a praça vazia e as centenas de milhões de pessoas reunidas em oração, sobre o silêncio e as palavras (Francisco, 2021, p. 20).

De acordo com Paulo Nogueira (2016), a terceira pedra angular da linguagem é a narrativa: “o que chamamos de mais elementar, o gesto, se constitui essencialmente de imagens, e essas imagens do corpo, no gesto, ganham sequenciamento espaço-temporal. Ou seja, gestos se constituem em narrativas” (p. 250-251). Neste ínterim, podemos afirmar que a *Statio Orbis* foi, então, a narrativa da Igreja Católica neste momento de pandemia e foi criado com o objetivo de dizer aos seus fiéis (e também aos não crentes, dizer para todo o mundo) que todos estavam no mesmo barco e que a solidão, a imagem e o discurso compuseram esse cenário de encorajamento diante do mal padecido que a Covid acarretou para a humanidade.

A Igreja Católica no contexto do papado de Jorge Mario Bergoglio, Papa Francisco, apresentou, nesse momento extraordinário de oração pelo fim da pandemia, uma narrativa que conseguiu levar uma mensagem de empatia diante da dor: principalmente, da dor do distanciamento e da possível perda da empatia, alertado no livro de Byung-Chul Han.

Joseph Lobo nos ajuda a compreender qual é a relação do silêncio com a religião, que poderá ser aplicado naquilo que fez a Igreja Católica com a oração extraordinária na pandemia da Covid-19. Num artigo publicado sob o título “O silêncio de Deus”, ele escreve:

As expressões verbais só têm sentido quando há intervalos de silêncio entre elas; a intercalação de palavras e silêncio constitui a cadeia e a trama de um discurso completo. O silêncio, portanto, não é uma ausência de palavra, mas o que torna possível falar, não menos que as próprias palavras (Lobo, 2023)⁴.

Os gestos de Francisco se transformam numa linguagem de proximidade diante do sofrimento: palavras que gritaram no coração de seus fiéis, mesmo no silêncio de uma praça vazia. E o silêncio tornou-se discurso: “o silêncio, frequentemente, é discurso. (...) A língua da alma é o silêncio” (Corbin, 2021, p. 127-128).

A ideia de se fazer um momento de oração diante do coronavírus

A oração pelo fim da pandemia – chamada de *Statio Orbis*, em latim – começou a ser planejada quando Papa Francisco saiu do Vaticano, de acordo com uma nota publicada pela Sala de Imprensa da Santa Sé, no dia 16 de março de 2020, como uma peregrinação pessoal e fazer a sua prece diante do ícone da Virgem Maria (*Salus Populi Romani*) presente na Basílica de Santa Maria Maggiore. Depois, sua peregrinação solitária seguiu na Via del Corso, para visitar o milagroso Crucifixo na Igreja de San Marcello al Corso, que foi levado em procissão em 1522, aos bairros de Roma, para que terminasse a “Grande peste” daquele período histórico. Naquele momento, era gestada a ideia de que o Papa poderia fazer a sua oração e ser transmitida via meios de comunicação social.

Também o capelão do presídio “Due Palazzi” de Pádua, Padre Marco Pozza, em uma transmissão de TV da Conferência Episcopal Italiana, no canal de TV Raiuno, fez um apelo ao Papa pedindo que ele fizesse algo que pudesse mostrar que os católicos não estavam sozinhos diante da tempestade da pandemia de Covid-19:

Peço ao Papa Francisco um gesto forte... Uma *Statio Orbis*, que às vezes é feita. Talvez sozinho na praça São Pedro. (...) O senhor tem o poder da palavra, tem o poder do símbolo. Faça-nos compreender que Cristo está presente neste momento, dizendo-nos algo. O senhor é a ponte para nós... Não nos deixe sozinhos (Francisco, 2021, p. 18).

Como foi destacado nas palavras do capelão italiano, que pedia um momento extraordinário de oração, utilizando-se do “poder o símbolo” que o Papa tem, algo tão intrínseco à religião, a transmissão pela TV apoiou-se nessa capacidade de explorar o simbólico da solidão do Papa, a Praça vazia e a oração em

³ Aqui também preferimos deixar o nome de *Statio Orbis*, em latim, pois é o modo como a Igreja Católica chamou esse tipo de oração extraordinária durante a pandemia da Covid-19.

⁴ Na edição original: “Las expresiones verbales sólo tienen sentido cuando en ellas las palabras se intercalan con el silencio; la intercalación de palabras y silencio compone la urdimbre y la trama de un discurso completo. Por lo tanto, el silencio no es una ausencia de discurso, sino lo que hace posible el discurso, no menos que las propias palabras.”



meio a esse ambiente tão específico de vazio que a humanidade enfrentava. A pandemia do coronavírus avançava pelo mundo. Isso exigia uma resposta, uma narrativa da Igreja diante desse sofrimento padecido pela humanidade.

O Discurso do Papa Francisco: “Por que sois tão medrosos?”

Na ocasião, foi narrado o Evangelho de Marcos 4,35-41, episódio em que os discípulos enfrentam uma tempestade bem forte. Acreditamos que nenhum texto seria mais oportuno para esse momento que a humanidade então enfrentava e vivia. Uma tempestade, todos os discípulos no mesmo barco, sofrendo e perecendo. E como se encontrava Jesus diante de tal situação? Dormindo. A única vez, em todos os Evangelhos, em que é narrado um episódio em que Jesus encontra-se dormindo. Não como sinal de indiferença, mas de total confiança no Pai. “Difícil é entender o comportamento de Jesus” (Francisco, 2021, p. 29).

“Ao entardecer...” (Mc 4,35): assim começa o Evangelho, que ouvimos. Desde há semanas que parece o entardecer, parece cair a noite. Densas trevas cobriram as nossas praças, ruas e cidades; apoderaram-se das nossas vidas, enchendo tudo dum silêncio ensurdecedor e um vazio desolador, que paralisa tudo à sua passagem: presente-se no ar, nota-se nos gestos, dizemo-nos os olhares. Revemo-nos temerosos e perdidos. À semelhança dos discípulos do Evangelho, fomos surpreendidos por uma tempestade inesperada e furibunda (Francisco, 2021, p. 25-26).

O coronavírus desmascarou a nossa realidade e mostrou, mais uma vez, como a humanidade é vulnerável frente aos desafios. “A tempestade desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades” (Francisco, 2021, p. 30). Um vírus invisível, mas que tornava visível a fragilidade humana.

O teor do sofrimento não está no instante, como no caso da dor, mas na temporalidade que indica a historicidade ao acontecimento que causou a dor (Sölle, 1996). Por isso, o sofrimento ganha substancialidade na forma de angústia, de desespero e medo, mas também ativa as potencialidades de sua superação, especialmente a sensibilidade pela sua “realidade real”, o sentir do sofrimento de outrem, a hospitalidade e o cuidado para com as feridas geradas (Gonçalves, 2021, p. 114).

E o que devemos fazer? Qual é a narrativa de encorajamento do Papa Francisco a partir do Evangelho? Confiar os nossos medos ao Senhor, para que Ele os ajude a vencê-los. A partir da colunata que abraça a cidade de Roma e o mundo, que essa oração possa ser um “abraço consolador, a bênção de Deus” (Francisco, 2021, p. 51), afirma o Pontífice.

Uma teologia sem a prática da solidariedade revela-se estéril. Uma teologia da solidariedade, ao contrário, estabelece a prática da solidariedade na experiência da revelação de Deus. A solidariedade personificada de Deus com os seres humanos é a Encarnação. Ela convida os fiéis a seguir um caminho semelhante, o de encarnar-se na angústia dos outros (Lobo, 2023)⁵.

A experiência do sofrimento, faz-nos pensar em uma *hermenêutica da carne*, como destacam Zeferino e Fernandes (2020): “Compreendendo que o sofrimento sentido na carne de si, do outro e do mundo informa a linguagem e a ética; abordar a antropologia literária presente na literatura marginal como provocação à teologia” (p. 474). Diante da experiência da dor, o que podemos fazer? A empatia, a compaixão e a presença do outro (com letra minúscula), em suma, a solidariedade, poderão se transformar “do texto à ação”⁶ para se fazer algo em prol daquele que necessita.

Considerações Finais

Diante de todos os desafios a que já fomos interpelados, há de se destacar a impressionante capacidade do ser humano em adaptar-se, tudo isso graças à iniciativa de ajudar-se, unir-se, solidarizar-se.

Outra descoberta interessante é que a doença reduz a felicidade no curto prazo, mas é uma fonte de sofrimento no longo prazo apenas se o estado da pessoa estiver de deteriorando constantemente ou se a doença desenvolver uma dor permanente e debilitante. As pessoas que são diagnosticadas com uma doença crônica, como a diabetes, ficam em geral deprimidas por algum tempo, porém, caso a enfermidade não se agrave, elas se adaptam à nova condição e avaliam a sua felicidade em níveis idênticos aos das pessoas saudáveis (Harari, 2020, p. 401-402).

Concluimos, destacando, segundo Byung-Chul Han, que dor é a única coisa que nos torna humanos, porque tem relação com a experiência. Portanto, ter acesso a um livro como este, em que o autor realiza uma hermenêutica da dor causada pela pandemia, lança luzes à compreensão da humanidade assolada pelos inúmeros males deste flagelo do século XXI. Ultimamente e de inúmeras formas, todos já experimentamos (e ainda iremos experimentar) as dores e as consequências provindas da atual pandemia.

A Igreja e o Pontífice romano (aquele que é capaz de construir pontes) descobriu que no mundo atual as imagens difundidas pelos meios de comunicação sociais também conseguem levar uma mensagem diante

⁵ Na edição original: “Una teología sin una praxis de solidaridad resulta estéril. Una teología de la solidaridad, en cambio, fundamenta la praxis de la solidaridad en la experiencia de la revelación de Dios. La solidaridad personificada de Dios con los seres humanos es la Encarnación. Esta invita a los fieles a seguir un camino semejante, el de encarnarse en la angustia de los demás.”

⁶ Um pensamento do filósofo contemporâneo Paul Ricoeur (1913-2005), *Do texto à ação: ensaios de hermenêutica II*. Porto: Rés, 1986, p. 109-124.



da dor. As imagens e os gestos de Francisco se transformaram em narrativa que gritaram no silêncio. Como afirma Nogueira (2016): “há décadas as instituições religiosas deixaram de usar apenas o púlpito e sala de aula para anunciar sua mensagem. (...) sua relação com os crentes, muitos agora convertidos em telespectadores” (p. 243).

Em seu ímpeto de ser contemporânea à época de pandemia, que tanto assola e produz medo à humanidade, ao se organizar epistemologicamente a partir dos princípios do amor ou caridade, da misericórdia e compaixão, e da esperança, a teologia reconfigura Deus, o mundo, o ser humano e a Igreja, assumindo uma forma de pensar que se auxilia da filosofia e das ciências, tendo a hermenêutica como uma luz para que sua linguagem seja pertinente e relevante ao “hoje” pandêmico (Gonçalves, 2021, p. 118).

Diante do sofrimento e com a experiência da dor, onde se faz necessário despertar naquele que crê a serenidade e a companhia, despertando a esperança com a mensagem de que não estamos sós. E mesmo sozinho, Francisco nunca esteve tão acompanhado: pelos outros, pelos seus fiéis que o acompanhavam em oração e pelo Outro, que nunca nos abandona. Deve haver uma responsabilidade da comunidade no acompanhar diante do sofrimento de quem se angustia diante da experiência da dor. Como afirma Joseph Lobo: “A resposta de Deus ao grito do homem na aflição é o silêncio” (Lobo, 2023)⁷.

A Igreja Católica, ao longo dos séculos, produziu inúmeras narrativas diante do sofrimento humano, com a pandemia da Covid-19 – que ainda nos assola de alguma maneira – não poderia ser diferente. O discurso que a Igreja produz através dos Papas, expõe o pensamento daqueles que seguem a fé, para despertar a empatia diante da tensão que o sofrimento poderá causar na relação com o Outro, o Sagrado, diante da dor do outro ou do próprio padecimento:

Convidemos Jesus a subir para o barco da nossa vida. Confiemos-Lhe os nossos medos, para que Ele os vença. Com Ele a bordo, experimentaremos – como os discípulos – que não há naufrágio. Porque esta é a força de Deus: fazer resultar em bem tudo o que nos acontece, mesmo as coisas ruins. Ele serena as nossas tempestades, porque, com Deus, a vida não morre jamais (Francisco, 2021, p. 48).

A oração extraordinária em tempo de pandemia realizada na Praça de São Pedro, naquele dia histórico de 27 de março de 2020, transformou-se em narrativa do paradoxo. Exatamente no momento de distanciamento – largamente difundido e imprescindível meio de se evitar a contaminação pelo vírus da Covid-19 – o Papa “abraçou o mundo” por meio da distância social, da solidão perante seus fiéis e da solidão para dialogar com Deus.

Francisco encorajou o mundo a todas e todos estarem no mesmo barco, convidando a sustentarem e alimentarem a fé por meio da solidariedade. Um barco agitado, sim, pelas ondas, que podem trazer sofrimento e angústia, mas um barco que jamais estará à deriva, que jamais perecerá.

Numa conversa com Lorena Bianchetti, em que a entrevistadora faz uma referência direta à Covid-19, relacionando solidão com esperança, o Papa Francisco fez a seguinte reflexão:

A palavra-chave que acabou de dizer é esperança. A esperança não é acariciar e dizer: “Ah, tudo vai passar, não te preocupes”. A esperança é uma tensão para o futuro, para o céu também. É por isso que a figura da esperança é a âncora: a âncora atirada ali e eu aqui com a corda, para chegar lá, para resolver situações, mas sempre com essa corda. A esperança nunca desilude, mas faz-nos esperar. A esperança é a *doméstica* da vida católica, da vida cristã. É realmente a mais humilde das virtudes. Está escondida, mas se não a tiveres [à mão], não encontrarás o caminho certo. A esperança é o que te faz encontrar o caminho certo. Ter esperança é não ter a ilusão: “Vou... [ter com] alguém para ler a mão... isto vai dar certo”. Não, isto não é esperança. A esperança é a certeza de que tenho na minha mão a corda daquela âncora lançada. Gostamos de falar de fé, tanto, da caridade: olha para ela! A esperança é um pouco a virtude oculta, a pequenina, a pequenina de casa. Mas é a mais forte para nós (Francisco, 2022).

A *Statio Orbis* realizada na Praça de São Pedro em plena pandemia de Covid-19, revelou-se em narrativa do paradoxo: no momento de distanciamento – largamente difundido e imprescindível meio de se evitar a contaminação pelo vírus da COVID-19 – o Papa “abraça o mundo” através da solidão, da imagem e do discurso. Exatamente em um período em que éramos desencorajados a aproximar de quem sofre, vimos (mesmo que distanciados) a proximidade do Papa que enfrentou a pandemia com coragem, criatividade e oração.

Referências

Corbin, A. (2021). *História do silêncio: do Renascimento aos nossos dias*. Trad. Clinio de Oliveira Amaral. Petrópolis: Vozes.

Francisco (2021). *Por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé? Statio Orbis*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana.

⁷ Na edição original: “La respuesta de Dios al clamor humano en la aflicción es el silencio.”



- Francisco (2022). A sua immagine, Raiuno. "A esperança sob assédio". O Papa Francisco em conversa com Lorena Bianchetti, abril de 2022. Em: **Vaticano – A Santa Sé**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/april/documents/20220415-a-sua-immagine-venerdisanto.html>. Acesso em: 3 de novembro de 2023.
- Garrido, R. G. (2022). A celebração da morte do cristão no contexto de limitações experimentadas durante a pandemia da Covid-19. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 82, n. 321, p. 174-192.
- Golçalves, P. S. L. (2021). Fazer teologia em época de pandemia: atenção aos sinais dos tempos. *Ephata: Revista Portuguesa de Teologia*. n. 2, p. 99-126.
- Han, Byung-Chul (2017). *Sociedade do cansaço*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes.
- Han, Byung-Chul (2021). *Sociedade paliativa: a dor hoje*. Trad. Lucas Machado. Petrópolis: Vozes.
- Harari, Y. N. (2020). *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Trad. Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lobo, J. (2023). El silencio de Dios. *La Civiltà Cattolica: Revista de Cultura*. Edição de 14 de abril de 2023. Disponível em: <https://www.laciviltacattolica.es/2023/04/14/el-silencio-de-dios/>. Acesso em: 3 de novembro de 2023.
- Nogueira, P. A. S. (2016). Religião e linguagem: proposta de articulação de um campo complexo. *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião* (Belo Horizonte), v. 14, n. 42, p. 240-261.
- Ricoeur, P. (1986). *Do texto à ação: ensaios de hermenêutica II*. Porto: Rés.
- Sölle, D. (1996). *Sofrimento*. Trad. Antônio Estêvão Allgayer. Petrópolis: Vozes.
- Zeferino, J. & Fernandes, M. L. (2020). O sofrimento dá o que pensar: teologia pública em diálogo com a literatura marginal. *Teoliterária: Revista de Literaturas e Teologias*, v. 10 n. 21, p. 470-497.

Recebido em 03.11.2023 – Primeira Decisão Editorial em 31.01.2024 – Aceito em 16.03.2024